

## SOBRE A DIVERSIDADE DE GÊNERO NA UNIVERSIDADE: UMA REFLEXÃO NECESSÁRIA PARA UMA FORMAÇÃO DE PROFESSORES MAIS INCLUSIVA

Ludmila Mota de Figueiredo Porto<sup>1</sup>  
Mônielly Silva de Medeiros<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho busca apresentar e discutir sobre as perspectivas que os alunos de Letras da UEPB (*campus I*) possuem sobre o conceito de gênero de que maneira essa compreensão pode influenciar na sua formação enquanto futuros professores do ensino básico. Para isso, foi feito um levantamento de dados para mapearmos as diversas orientações de gênero entre os estudantes e, em seguida, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com um número significativo de estudantes de Letras/Português, Letras/Espanhol e Letras/Inglês, a fim de coletar dados para a análise dialógica de seus discursos acerca da temática. A análise qualitativa de dados tomou por base a Teoria/Análise Dialógica do Discurso para a elucidação dos enunciados concretos desses estudantes em relação dialógica com a palavra do outro, sempre constitutiva da palavra do eu, resultando em uma compreensão ativa e responsiva dos sentidos que emergiram sobre a diversidade de gênero e sua relação intrínseca com a sexualidade. Desta forma, tornou-se possível refletir sobre como o ambiente universitário, especificamente no curso de Letras da UEPB, configura-se como um terreno fértil para a discussão sobre uma formação de professores mais inclusiva, não obstante ainda careça de maior preparação com respeito à diversidade.

**Palavras-chave:** Diversidade de gênero, Universidade, Reflexão, Formação de professores. Inclusão.

### INTRODUÇÃO

O meio universitário público brasileiro é palco da variedade social e cultural: estudantes, professores, funcionários e a comunidade externa que frequenta a universidade convivem com grande diversidade de pensamentos, pontos de vista, princípios, histórias de vida, identidades. No contexto da universidade, portanto, idealmente, as pessoas possuem a liberdade de manifestar suas opiniões democraticamente, de se expressar conforme seus valores, de ser o que quiserem, de vivenciar identidades múltiplas. Todavia, nem sempre a livre expressão das pessoas tem encontrado ambientes pacíficos e plurais no cenário da universidade, de forma que conflitos de caráter ideológico, político, racial e de gênero parecem refletir uma tensão que já configura a sociedade brasileira contemporânea.

Sabe-se que os cursos de licenciatura possuem o objetivo final de formar professores. Muitos desses futuros professores, que serão egressos dos cursos de licenciatura do

<sup>1</sup> Doutora em Linguística (UFPE), Professora de Língua Portuguesa e Linguística e Chefe Adjunta do Departamento de Letras e Artes, UEPB, campus I, [ludmila\\_porto@yahoo.com.br](mailto:ludmila_porto@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, campus I, [monielly.medeiros021@gmail.com](mailto:monielly.medeiros021@gmail.com);

Departamento de Letras e Artes da UEPB, isto é, os cursos de Letras/Português, Letras/Inglês e Letras/Espanhol, atuarão diretamente no ensino básico, lecionando língua e literatura, mas, também, defrontando-se com crianças e adolescentes que também carregam a diversidade em suas histórias de vida, em seus pensamentos, seus valores, suas crenças, seus posicionamentos ideológicos etc. Nesse contexto, os professores egressos dos cursos de letras precisam estar aptos a lidar com várias questões sociais que podem aflorar entre os seus alunos; entre elas, a diversidade de gênero.

Nesse sentido, defendemos que uma formação mais inclusiva quanto à diversidade de gênero deve se configurar como uma pauta fundamental nos cursos de licenciatura em letras, não obstante parece haver ainda pouco espaço para discussão sobre a temática nos referidos cursos da UEPB. É daí que urge ampliar a discussão sobre gênero no contexto universitário, extrapolando as ricas discussões que já permeiam os cursos de ciências sociais, para dar lugar à observação da realidade dos alunos da graduação em letras e, a partir dela, refletir sobre como a teoria pode auxiliar na construção de um ensino mais inclusivo tanto na universidade quanto na escola.

Como principal objetivo deste trabalho<sup>3</sup>, buscamos, através da Teoria/Análise Dialógica do Discurso, refletir sobre como a diversidade de gênero é compreendida por estudantes dos cursos de licenciatura em letras (língua espanhola e língua inglesa) da UEPB – futuros professores do ensino básico. Para tanto, realizamos as seguintes etapas: levantamento quantitativo, através da aplicação de questionários, sobre as identidades de gênero emergentes entre os estudantes de letras do *campus* I da UEPB; seleção de estudantes com identidades de gênero diversas, para realização de entrevistas; análise qualitativa do *corpus* discursivo, através da Análise Dialógica do Discurso, tentando estabelecer as relações dialógicas pertinentes entre os sentidos que aparecem e circulam sobre gênero nos discursos dos estudantes dos dois cursos; por fim, compreensão de como os discursos sobre gênero podem (re)orientar o tratamento da temática nos cursos de letras em línguas estrangeiras, para uma formação de professores mais inclusiva quanto à diversidade de gênero.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, utilizamo-nos do aporte teórico dos estudos sobre gênero, a partir de Beauvoir (2019), Butler (2016) e Connell e Pearse (2015), com desdobramentos para a educação, em Louro (2014). Além dessas referências, apoiamo-nos na

---

<sup>3</sup> A presente pesquisa é um recorte do Projeto de Iniciação Científica 2018/2019, intitulado “Ainda sobre Gênero: uma abordagem quantitativa para se pensar a formação de professores no curso de Licenciatura em Letras”, realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil, sob a coordenação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ludmila Mota de F. Porto, com a colaboração da aluna bolsista Mônica Silva de Medeiros.

Teoria/Análise Dialógica do Discurso (BRAIT, 2008; PORTO, 2015) para o desenvolvimento da metodologia e da análise, considerando sobretudo as seguintes categorias: dialogismo, compreensão ativa e responsiva, significação, tema e ideologia do cotidiano (VOLÓCHINOV, 2017).

Assim, este artigo pretende apresentar os enunciados concretos dos alunos de letras (línguas estrangeiras) da UEPB sobre o conceito de gênero, para compreender os sentidos emergentes desses discursos em diálogo com o discurso alheio. Para tanto, nos tópicos seguintes detalharemos o percurso metodológico que guiou a pesquisa, bem como a fundamentação teórica do trabalho, os quais serviram de base para a análise que permitiu melhor conhecer a realidade dos alunos de letras da UEPB com relação aos estudos sobre a temática e à necessidade de uma formação mais inclusiva quanto à diversidade de gênero.

## METODOLOGIA

Nos primeiros passos do desenvolvimento deste trabalho, realizamos uma pesquisa bibliográfica sobre a temática, com o objetivo de nos atualizarmos sobre o objeto de estudo. Em seguida, o percurso metodológico deste trabalho se caracterizou por uma coleta de dados realizada através de dois instrumentos: um questionário e uma entrevista semiestruturada. O questionário serviu de base para a criação de gráficos e tabelas que visavam à construção do perfil dos alunos de letras quanto à identidade de gênero, em relação também à sua sexualidade<sup>4</sup>. Já as entrevistas semiestruturadas permitiram uma aproximação por parte das pesquisadoras junto aos estudantes entrevistados com respeito à compreensão dos sentidos que circulam sobre gênero no âmbito acadêmico de letras da UEPB. Especificamente neste artigo, utilizaremos apenas um recorte desses dados, com ênfase em sua abordagem qualitativa<sup>5</sup>.

Ambos os instrumentos de coleta de dados foram revisados, a fim de realizar os ajustes necessários, os quais surgiram após a experiência com esses instrumentos em projeto anterior<sup>6</sup> (PORTO; SILVA NETO, 2018). A partir dessa revisão, decidimos utilizar um questionário

---

<sup>4</sup> Lançamos a hipótese secundária de que a relação entre gênero e sexualidade poderia elucidar a discussão sobre gênero a partir da análise dialógico-discursiva dos enunciados dos estudantes entrevistados.

<sup>5</sup> Para maior conhecimento sobre a abordagem quantitativa dos dados, que serviu de impulso para a abordagem qualitativa aqui exposta, consultar o relatório final do PIBIC 2018/2019 (PORTO; MEDEIROS, 2019).

<sup>6</sup> O projeto “Compreender gênero no curso de licenciatura em letras: uma questão necessária à formação de professores” (PORTO; SILVA NETO, 2018) foi desenvolvido sob a coordenação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ludmila Mota de F. Porto no PIBIC 2017/2018, na UEPB, com a colaboração do aluno bolsista CNPq João Matias da Silva Neto. Esse projeto recebeu o prêmio de menção honrosa no XXVI ENIC/UEPB.

online, feito no aplicativo *Google Forms*, substituindo o impresso, com o objetivo de facilitar a visualização dos dados e reduzir custos com impressão. O número de alunos entrevistados foi também readaptado de acordo com a quantidade de questionários respondidos e a proporção entre o curso de letras/português, estudado na pesquisa anterior, e os cursos de letras/espanhol e letras/inglês, estudados nesta pesquisa. Em seguida, o projeto foi submetido à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da UEPB, tendo sido aprovado sob o número: CAAE 09378519.5.0000.5187.

Assim que obtivemos a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, recolhemos os e-mails dos alunos dos cursos de espanhol e inglês, nos períodos diurno e noturno, para que pudéssemos enviar o questionário online a ser preenchido. Posteriormente ao envio dos questionários, verificamos que o número de respostas foi menor que o estimado, de forma que foi necessário retornar às salas de aula, entregando questionários impressos aos alunos que não conseguiram responder online. Somando os questionários online aos impressos, obtivemos o número de 93 respondidos, sendo 55 dos alunos de inglês e 38 dos alunos de espanhol.

Para selecionar os alunos a serem entrevistados, utilizamos os seguintes critérios: selecionamos alunos dos dois turnos, os quais declararam identidades de gênero e sexualidades heterogêneas, com o objetivo de obter um panorama representativo dos estudantes de letras do campus I da UEPB. As entrevistas semiestruturadas ocorreram na UEPB – *campus I*, com os estudantes dos cursos de letras/espanhol e letras/inglês, e objetivamos adquirir informações dos alunos em seu ambiente de formação, por meio de questões dialogadas. Severino (2007, p. 123) afirma que: “Na *pesquisa de campo*, o objetivo/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador”.

As entrevistas foram, enfim, realizadas com o auxílio de um gravador de voz em horários disponibilizados pelos alunos<sup>7</sup> e, em seguida, foram transcritas para análise à luz do método dialógico-discursivo de análise de dados, que utiliza o levantamento, a descrição e a interpretação de dados para explorar qualitativamente a subjetividade dos sujeitos falantes (SAMPAIO *et al.*, 2006). O conhecimento da natureza de sujeitos históricos, através da linguagem, tem-se mostrado bastante pertinente nos últimos anos (PORTO, 2010; 2015), tendo em vista que permite a compreensão do contexto sociocultural mais amplo, onde são produzidos e circulam esses discursos.

---

<sup>7</sup> Os nomes dos alunos são fictícios.

## A Teoria/Análise Dialógica do Discurso


A linguagem é um dos assuntos mais discutidos pela humanidade desde tempos remotos: foi do interesse dos filósofos gregos, como Platão e Aristóteles; dos gramáticos e tradutores da Idade Média, dos iluministas do século XVIII, dos filólogos e comparatistas do século XIX. No início do século XX, a língua foi eleita o objeto de estudo da Linguística, com Saussure, no *Curso de Linguística Geral*. Fundava-se uma nova ciência, a ciência da língua, aos moldes do paradigma estruturalista, que predominou até meados do século XX, quando Noam Chomsky propôs sua teoria gerativista (BAGNO, 2014).

Paralelamente, na primeira metade do século XX, surgia na União Soviética um grupo de estudiosos, encabeçado sobretudo por Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pavel Medvedev, que se dedicaram conjuntamente à Literatura, à Filosofia da Linguagem, dentre outros temas, tornando-se conhecidos como Círculo de Bakhtin, responsável por muitas produções entre as décadas de 20 e 30, período marcado por conflitos sociais e políticos no país, motivo pelo qual a autoria de determinadas obras é questionada até hoje, a exemplo do livro “Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem”, que, em sua primeira publicação, no ano de 1929, tinha como autor V. Volóchinov, mas que em algumas edições pode aparecer com autoria atribuída a Bakhtin.

Apesar de as principais produções do Círculo terem sido escritas nas décadas de 1920 e 1930, e as de Bakhtin, principalmente, estiveram concentradas entre 1930 e o início da década de 1950. Boris Schaiderman, na palestra inaugural do colóquio “Dialogismo: Cem Anos de Bakhtin”, relata que, até os anos de 1960, o acesso aos textos do Círculo era muito difícil e, com o golpe militar em 1964, essa dificuldade se intensificou, mudando de perspectiva a partir dos anos 1970, quando as obras do Círculo passaram a ser traduzidas mundialmente, inclusive no Brasil (FARACO, 2009). Na década de 1990, com base nos estudos do grupo russo, surge a Análise Dialógica do Discurso, proposta por Beth Brait (2008), a qual se pauta em conceitos da teoria bakhtiniana, entre eles o dialogismo, utilizado em nossa pesquisa, para compreender os enunciados concretos a partir do trabalho com a opacidade dos discursos e dos textos.

Segundo Volóchinov, o dialogismo é a característica dialógica e bilateral do discurso, que se apresenta não como resultado de uma única fonte, mas como construção entre os falantes ao decorrer da história. Para o autor:

A importância da orientação da palavra para o interlocutor é extremamente grande. Em sua essência, *a palavra é um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele de



quem ela procede quanto por aquele para quem se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o *produto das inter-relações do falante com o ouvinte*. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205).

Dessa forma, o dialogismo vai além de um simples diálogo, apresentando-se como caráter constitutivo de uma construção interativa, criada e criadora dos sujeitos do discurso. Nesse meio, tem importância não apenas os sujeitos, mas também seus contextos históricos, sociais e ideológicos, já que interferem nos enunciados. Ainda sobre o dialogismo, Beth Brait afirma que:

O dialogismo diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. (BRAIT, 1997, p. 98).

Reafirma-se assim, a natureza não mais monológica da linguagem, mas uma natureza dialógica que envolve textos e sujeitos, sendo que ambos são trespassados pelo discurso, que continuamente muda, evolui, retorna e cria novos sentidos. Através das interações sociais, em contextos históricos e ideológicos, ocorre a formação do falante. Assim, de acordo com Volóchinov (2017), os enunciados têm uma formação externa que resulta da interação entre seres socialmente organizados, que se constroem mutuamente através da linguagem. Tal construção ocorre de maneira dialógica e ativa, através dos diversos discursos com os quais o sujeito têm contato durante a sua vida. Deste modo, compreender um discurso é se instaurar no diálogo, participar dele ativamente.

Ainda de acordo com o autor: “A teoria da compreensão passiva não abre a possibilidade de uma aproximação às especificidades mais fundamentais e essenciais da significação linguística” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 227), ideia que reafirma ser o discurso um meio de interação e ambiente em que as especificidades humanas afloram e encontram significações, ressignificações e se inovam a cada fala. Portanto, para a Análise Dialógica do Discurso, a compreensão de um enunciado concreto é necessariamente ativa e dialógica.

Não apenas o diálogo entre os falantes é fundamental para o processo de comunicação, mas também a presença das múltiplas vozes nos discursos, sejam eles cotidianos ou institucionalizados. Os enunciados resultam, então, de um conjunto infinito de outros enunciados já ditos e revistos no decorrer da história, cuja renovação se dá através de novas situações, afinal, ainda que determinada palavra contenha a mesma significação dicionarizada

no decorrer dos tempos, a situação de fala, os interlocutores, os assuntos discutidos serão outros e, por isso mesmo, cada enunciado se torna único, mas não original (BRAIT, 2008).

A construção da cadeia discursiva encontra seu lugar tanto nos campos cotidianos quanto institucionais. Em seus estudos, Volóchinov (2017, p. 213) afirma que: “A ideologia do cotidiano insere a obra em uma dada situação social. A obra passa a ser ligada a todo o conteúdo da consciência e é percebida apenas no contexto dessa consciência atual”. Isso nos faz compreender de que forma as ideologias que circulam no cotidiano são abarcadas por contextos sociais mais amplos, através da reflexão e da refração de discursos que extrapolam a vida cotidiana e interpenetram os âmbitos institucionais onde a grande ideologia constituída prevalece.

Na vida cotidiana, é recorrente o surgimento de discussões sobre assuntos que muito dizem sobre o contexto em que são proferidos. É possível compreendê-las por meio da significação e do tema. Enquanto a primeira se refere à parte fixa do discurso, aquela que tem em si o conjunto fechado de sentido, podendo ser transferida para diferentes épocas e falas, o segundo depende do contexto extralinguístico, pois reflete o sentido entre discurso e realidade social. De acordo com o autor:

O tema é um complexo sistema dinâmico de signos que tenta se adequar ao momento concreto da formação. O tema é uma reação da consciência em constituição para a formação da existência. A significação é um artefato técnico de realização do tema. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 229).

Como consequência dessa afirmação, é interessante perceber de que maneira a significação e principalmente o tema são importantes para o estudo engajado com a realidade da época em questão, afinal a linguagem é reflexiva e refratária a todo momento e nos mostra a realidade vivida pelos sujeitos. As noções de reflexão e refração são analisadas por Volóchinov em relação ao movimento dos discursos, que refletem e refratam a realidade e, conseqüentemente, resultam em uma gama de enunciados que concordam ou refutam os discursos que os originaram: “O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93).

A partir desta breve recuperação de conceitos-chave da teoria bakhtiniana, observa-se a importância que o diálogo exerce na construção de novos enunciados. A possibilidade de usar de outras vozes, de outros discursos para enriquecer, embasar e reafirmar a sua fala é não só uma forma estratégica de reforçar o seu comentário, mas um mecanismo recorrente ao ser

humano, que necessita da retomada de assuntos, diálogos e ideais já postos para dar continuidade ao seu enunciado. Dessa forma, propomo-nos a compreender como se estabelecem algumas relações dialógicas entre os discursos de estudantes de letras sobre gênero e o discurso do outro, a fim elucidar de que maneira a discussão sobre a diversidade de gênero tem penetrado esses sujeitos sociais no ambiente universitário, tão importante para a disseminação de ideias e estudos que se mostram relevantes para a sociedade.

Antes disso, no entanto, é preciso fazer uma breve contextualização teórica sobre os estudos de gênero, conforme o tópico a seguir.

### **Os estudos de gênero**

Os estudos de gênero estão intimamente ligados ao movimento feminista e às lutas enfrentadas por determinado grupo de mulheres para mudar a estrutura de subalternidade que a sociedade lhes impunha. No final do século XIX e início do século XX, as mulheres passaram a reivindicar o direito ao voto através do sufrágio, momento histórico que ficou conhecido como a “primeira onda” do feminismo.

Uma das primeiras pensadoras a estudar as questões de gênero foi Simone de Beauvoir (2019), mundialmente conhecida pela obra *O segundo sexo*, publicada em 1949, na qual apresenta o desenvolvimento de uma sociedade machista e que vê no homem a representação da humanidade, enquanto a mulher assumiria o papel de um ser secundário, subjugada a um sistema de opressão masculina. Esse cenário, construído e estabelecido a partir da naturalização de um padrão de supremacia masculina, com seu caráter ativo, viril, objetivo e provedor, relegou às mulheres o seu caráter passivo, compreensivo, amável e dócil na sociedade. Nesse sentido, Beauvoir (2019) defende que a luta pela igualdade de gênero entre homens e mulheres, o que conseqüentemente levará à libertação das mulheres desse padrão subalterno, começa pela conquista do trabalho e que apenas através da luta, e não da resignação, é que as mulheres alcançarão sua liberdade.

Na “segunda onda” do feminismo, que ganha força a partir do final da década de 1960, o movimento passa a abarcar, além dos interesses sócio-políticos, também uma reflexão teórica acerca do próprio conceito de gênero, que passa a ser pensado em importantes países ocidentais, a exemplo de Estados Unidos, França, Inglaterra e Alemanha (LOURO, 2014). Protestos, manifestações públicas e publicação de livros, jornais e revistas sobre a temática impulsionaram



as discussões na época, em busca de igualdade de direitos. Segundo Louro, a partir dessa década:

Intelectuais, estudantes, negros, mulheres, jovens, enfim, diferentes grupos que, de muitos modos, expressam sua inconformidade e desencanto em relação aos tradicionais arranjos sociais e políticos, às grandes teorias universais, ao vazio formalismo acadêmico, à discriminação, à segregação e ao silenciamento. (LOURO, 2014, p. 20).

Conforme se observa, ações isoladas e coletivas, no decorrer da história ocidental do século XX, marcaram o interesse das mulheres em se libertar de uma conjuntura que impunha um padrão de beleza, de vestimenta, de comportamento, de subordinação aos homens. No Brasil, não foi diferente: a partir da década de 1970, o movimento feminista se associou a outros levantes populares da época: a luta pela moradia digna; pela educação, através da criação de creches que atendessem filhos de professores e operários de fábricas; por melhores condições de vida, como o acesso à água encanada, energia elétrica e ao transporte público. De igual maneira, tal movimento estabeleceu forte relação com movimentos políticos do momento, a exemplo da busca pela anistia dos presos políticos da ditadura militar, o combate ao racismo, a briga pela garantia da terra aos indígenas e o movimento dos homossexuais (CORRÊA, 2001).

No mundo acadêmico, as pesquisas sobre gênero despertaram o interesse de juristas, sociólogos, antropólogos, educadores, linguistas e críticos literários, para citar apenas algumas áreas que se interessam pela compreensão de como a nossa sociedade é marcada pela desigualdade de gênero. Ademais, discutir gênero é também estar atento às questões de poder, violência e ao lugar onde se manifestam as desigualdades, tanto no território físico (país, região, cidade...) quanto no contexto social.

A partir de tais discussões, surge, através das feministas anglo-saxãs, a distinção entre os termos *gender* e *sex*, e, como consequência, a discussão acerca da associação do gênero das pessoas à sua condição biológica, que será a base para os estudos de gênero. No Brasil, o termo gênero, nesse sentido, passa a ser usado apenas no fim dos anos 1980, já próximo ao que se denominaria de “terceira onda” do feminismo.

Acerca do gênero, Louro (2014) o defende como sendo uma construção social constituinte da identidade dos sujeitos, sempre inacabadas. Em suas palavras, as relações sociais estabelecidas pelos sujeitos são:

Atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus

lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. (LOURO, 2014, p. 32).

Dessa maneira, a ideia sobre o sexo, existente até então, recebe uma nova perspectiva, que leva em conta os contextos social, histórico, político e o caráter não estável do gênero. Segundo Connell e Pearse (2015, p. 38): “Ser um homem ou ser uma mulher, então, não é um estado predeterminado. É um tornar-se; é uma condição ativamente em construção.”. As autoras dialogam claramente com o conceito de Simone de Beauvoir acerca da natureza feminina, exposta em *O segundo sexo*, através de sua célebre afirmação: “Não se nasce mulher; torna-se mulher”, que nos leva a pensar acerca de uma natureza não biológica, mas construída do gênero.

Dialogando com tais ideias, Butler afirma que: “se tornou impossível separar a noção de ‘gênero’ das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida.” (BUTLER, 2016, p. 21). Assim, torna-se mais fácil compreender a existência de diversas construções de gênero existentes em culturas diferentes, assim como a possibilidade de determinada ação receber diferentes reações em lugares e culturas diversas.

Também passa a ser discutido o caráter não-binário existente no gênero dos sujeitos, afinal, segundo Louro (2014), o caráter feminino não precisa necessariamente excluir todas características consideradas masculinas e vice-versa: o feminino e o masculino não são obrigatoriamente polos opostos, mas construções que estabelecem relações diversas em cada sujeito. Essa imagem dicotômica traz consigo também problemáticas das relações de poder, que configuram o masculino como forte, viril, capaz, e o feminino como fraco, subserviente e passivo. Em oposição, Louro demonstra que há uma complexidade muito maior em tais relações, afirmando que:

Os sujeitos que constituem a dicotomia não são, de fato, apenas homens e mulheres, mas homens e mulheres de várias classes, raças, religiões, idades, etc. e suas solidariedades e antagonismos podem provocar os arranjos mais diversos, perturbando a noção simplista e reduzida de ‘homem dominante’ versus ‘mulher dominada’. (LOURO, 2014, p. 37).

A desconstrução da oposição binária, além da possibilidade de uma flexibilidade entre o que seria masculino e o que seria feminino, visa a demonstrar que a recusa de um gênero fixo ou de um enquadramento em determinado gênero é possível. Assim, os estudos de gênero não buscam afirmar que as pessoas são iguais, pois elas não são: existe uma gama de particulares entre gêneros, sexualidades, etnias, posição social, política etc., mas que elas devem ser equivalentes e ter direitos iguais. Tais direitos são exigidos em relação a vários contextos, entre

eles está o educacional, que se destaca por ser um direito fundamental em um ambiente de grande pluralidade.

De acordo com Louro (2014), o ambiente escolar é tanto propício para a convivência com a diversidade de gênero quanto para a afirmação de que tais diferenças são consideradas desvios do padrão. Segundo a autora: “A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui.” (LOURO, 2014, p. 62). Assim, é notável de que forma a escola tem o poder de desconstruir ou reafirmar padrões e paradigmas da sociedade, podendo ainda ser responsável pela “fabricação de sujeitos” no sentido de legitimar, ou não determinadas situações.

Nesse ambiente, a linguagem, principal veículo de construção de conhecimentos, tem grande importância, visto que é através dela que grande parte das discussões e até mesmo discriminações motivadas por preconceitos de gênero são proferidas. Sobre esse aspecto, a autora afirma que:

Dentre os múltiplos espaços e as muitas instâncias onde se pode observar a instituição das distinções e das desigualdades, a linguagem é, seguramente, o campo mais eficaz e persistente — tanto porque ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, como porque ela nos parece, quase sempre, muito ‘natural’. (LOURO, 2014, p. 69).

É possível notar que, mesmo com a evolução dos estudos de gênero e a desconstrução de muitos preconceitos existentes nos vários âmbitos da sociedade, o preconceito e a intolerância com a diversidade ainda são muito fortes em alguns ambientes, a exemplo da escola e da universidade. No entanto, os professores não devem se acomodar; devem, sim, questionar e levar os alunos a se questionarem também. Com respeito ao ambiente escolar:

É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem. Atrevidamente é preciso, também, problematizar as teorias que orientam nosso trabalho (incluindo, aqui, até mesmo aquelas teorias consideradas ‘críticas’). (LOURO, 2014, p. 68).

Dessa forma, é fundamental pensar não apenas nas questões que envolvem gênero, mas como elas interferem no ambiente acadêmico, que engloba não só o âmbito científico, mas reflete a sociedade, afinal o ambiente universitário é repleto de multiplicidades culturais, geográficas, linguísticas e ideológicas que influenciarão o futuro profissional dos alunos. Entre todas essas variantes, ressaltamos a importância das discussões acerca do gênero na formação dos alunos de língua, futuros professores do ensino básico.

Cabe acrescentar, ainda, a importante distinção, no seio da discussão sobre gênero, entre os termos “gênero” e “sexo”. Segundo Louro (2014), a distinção entre gênero e sexo passou a ser usada inicialmente por feministas anglo-saxãs e buscava dissociar o comportamento social e sexual das pessoas de suas condições biológicas. Ainda segundo a autora, o gênero estaria associado aos corpos, à forma como as pessoas assumem a sua feminilidade ou masculinidade, não necessariamente de uma forma binária, mas de maneira constituinte da identidade dos sujeitos.

Já as identidades sexuais se caracterizam pelas relações estabelecidas entre os indivíduos, como afirma Louro (2014, p. 30): “Suas identidades sexuais se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as”. Assim, fica claro que a sexualidade das pessoas está associada ao vivenciamento de suas identidades sexuais sem ou com outras pessoas, enquanto o gênero se caracteriza como constitutivo da identidade do sujeito e pode ser relacionado à maneira como as pessoas se identificam enquanto corpos, com “as múltiplas formas que podem assumir as masculinidades e as feminilidades” (LOURO, 2014, p. 28). Assim, ainda que boa parte dos discursos sobre gênero envolvam também a sexualidade, um conceito não pode ser tomado pelo outro.

A necessidade de fomentar discussões sobre gênero é realçada ao percebermos que grande parte dos alunos ainda carecem de informações sobre as complexas discussões que envolvem o gênero na contemporaneidade e que, para construirmos uma dinâmica escolar que respeite a diversidade de gênero dos alunos e esteja aberta a discussões, é necessário que os professores em formação compreendam inicialmente a sua realidade social. Dessa maneira, esses profissionais terão a possibilidade de não apenas refletir, mas também de refratar um discurso hegemônico sobre gênero, atuando profissionalmente de maneira mais inclusiva e penetrando discursivamente, a partir do cotidiano, na grande ideologia.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com base nos dados coletados durante a etapa de pesquisa de campo, do estudo da Teoria/Análise Dialógica do Discurso e também dos estudos sobre gênero e sexualidade, buscaremos agora demonstrar e analisar dialógicamente os discursos de alunos dos cursos de letras/espanhol e letras/inglês da UEPB.

Entre os entrevistados, 8 são do sexo feminino e 7 do sexo masculino, sendo que um se declara como homem transgênero; em relação à sexualidade, 6 pessoas se declaram como heterossexuais, 4 como homossexuais, 4 como bissexuais e 1 como pansexual; dentre esses alunos, 8 estudam no turno da manhã e 7 no turno da noite. Como se observa, já pelo perfil dos alunos selecionados para a entrevista, os dados demonstram a diversidade de gênero e sexualidade nos referidos cursos, em ambos os turnos.

Durante as entrevistas realizadas com alunos e alunas dos dois cursos de letras em língua estrangeira da UEPB, tivemos a oportunidade de entrar em contato com as concepções que esses estudantes possuem sobre gênero a partir de uma questão de ordem privada, a saber: “Caso seu companheiro ou companheira resolvesse mudar de gênero, você o(a) abandonaria?”. Vejamos como se manifestou o estudante de Letras/Inglês, Bruno, heterossexual, sobre o assunto:

*Bruno: [...] Ah, eu respeitaria, agora (risos) tem um problema aí... a questão é, ela me abandonaria? Porque não sei, porque é aquela coisa. Tô com uma pessoa... tal, a pessoa aparentemente é uma mulher hetero, massa, tranquilo... aí do nada ela conhece outras coisas, conhece outros pensamentos e vai aquela coisa toda, começa a mudar de direção... ‘ah, eu acho que eu tô gostando mais de...’ Não sei, eu respeitaria, aí teria que ter uma conversa bem séria pra ver se é isso mesmo que ela quer e... eu não abandonaria de forma alguma, aí a questão é, a pergunta seria se ela abandonaria, porque... é complicado. (BRUNO, 2019).*

Ao se posicionar sobre a sua provável reação ao saber que sua companheira mudaria de gênero, Bruno revela que não a abandonaria, no entanto demonstra confundir o gênero com a sexualidade da pessoa, quando afirma que “a pessoa aparentemente é uma mulher hétero”. A confusão entre os conceitos de gênero e sexualidade também fica evidenciada no discurso citado que Bruno traz sobre sua companheira: “ah, eu acho que eu tô gostando mais de...”. Ou seja, na visão de Bruno, a partir da projeção da voz de sua companheira, “gostar mais” de se envolver com alguém de um sexo ou de outro é uma questão atrelada à sexualidade, ao desejo pelo outro, mas não implica mudança de gênero, da mesma forma que a mudança de gênero não implica a mudança de orientação sexual.

Conforme exposto anteriormente, a sexualidade e o gênero de uma pessoa não podem ser tomados como sinônimos, e não existe uma relação necessária entre a orientação sexual de alguém e sua identidade de gênero. Em nenhum momento, na pergunta feita pelas pesquisadoras, é mencionada a sexualidade do(a) companheiro(a) da pessoa entrevistada. Contudo, o entrevistado estabelece um relação dialógica entre os conceitos de gênero e de sexualidade, tanto ao responder diretamente a pergunta realizada quanto ao se utilizar da voz

do outro (a sua companheira) para justificar seu posicionamento. Ao refletir o conceito de gênero em seu discurso, portanto, Bruno o refrata como sinônimo de sexualidade, contrariando as discussões acadêmicas sobre gênero na atualidade, ao passo que revela sua posição ideológica a partir do cotidiano.

Na entrevista realizada com a aluna Ana, heterossexual e também graduanda do curso de letras/inglês, é possível perceber um pensamento semelhante ao de Bruno:

Pesquisadora – Certo. A última, ela sai um pouco dessa questão da educação. Caso seu companheiro resolvesse mudar de gênero você o abandonaria?

Ana: *Nossa, que difícil!*

Pesquisadora – Quer que eu explique bem ou você consegue compreender?

Ana: *Eu consigo compreender. Eu não abandonaria ele pelo gênero, a não ser que tipo... meu corpo não fosse mais atraente pra ele, no caso.*

Pesquisadora – Uhum.

Ana: *Porque eu imagino meu marido mudando de gênero e não se sentindo atraído pelo sexo oposto, vamos dizer assim.*

Pesquisadora – É... assim, se ele mudasse apenas de gênero ele seria uma mulher, mas poderia ter a possibilidade dele continuar sendo atraído por mulher também, né?

Ana: *Uhum. É... talvez, seria algo a se discutir.* (ANA, 2019).

Mesmo com a explicação breve da pesquisadora sobre a diferença de gênero e sexualidade, na última pergunta do trecho acima, não é possível ter clareza sobre o discernimento da entrevistada com respeito aos dois conceitos, mediante a vaguidão de sua resposta: “*Uhum. É... talvez, seria algo a se discutir*”. Não sabemos se o “algo” a que Ana se refere recupera o gênero ou a sexualidade, tampouco é possível saber o que, de fato, ela discutiria com seu companheiro. Ao afirmar: “*a não ser que tipo... meu corpo não fosse mais atraente pra ele*”, Ana, como Bruno, associa a mudança de gênero à sexualidade, mas, em seu discurso, Ana explicita que se refere ao desejo sexual do outro pelo seu corpo. Assim, Ana também reflete a ideia de gênero como sinônimo de sexualidade, porém ao refratá-la em seu discurso, a aluna se afasta de forma particular das discussões teóricas sobre gênero, tendo em vista que o exercício da diversidade de gênero por uma pessoa (ainda que temporariamente) é algo que pertence à sua subjetividade e se encontra na esfera da construção da identidade, e não no desejo sexual do outro.

A compreensão ativa do conceito de gênero, por ambos os alunos entrevistados, pode ser compreendida como o tema que tal palavra assume em seus discursos, pois engloba questões exteriores à sua significação. De acordo com o dicionário Aurélio, o gênero se refere ao: “Conjunto de propriedades atribuídas social e culturalmente em relação ao sexo dos indivíduos” (Dicionário Aurélio Online, 2019). Dialogando com esse conceito, o Dicionário Online de Português define gênero como: “Diferença entre homens e mulheres que, construída

socialmente, pode variar segundo a cultura, determinando o papel social atribuído ao homem e à mulher e às suas identidades sexuais.” (Dicionário Online de Português, 2019).

Os dois conceitos apresentados definem a significação do gênero, independentemente de seu contexto, já a maneira como os dois alunos acima citados veem o gênero mostra como o contexto criado pela pergunta gera outras possibilidades de sentido para o conceito, um tema que varia ao entrar em contato com o termo “sexualidade”. Discursivamente, tanto Ana quanto Bruno se manifestaram confusos com respeito ao domínio do conceito de gênero, ao mesmo tempo em que podem ter tido certo receio de parecerem preconceituosos ao responderem a pergunta, a exemplo de quando Ana encerra sua fala com: “*Uhun. É... talvez, seria algo a se discutir*”, enquanto Bruno procura demonstrar, a todo momento, que, em sua relação, ele trata a companheira de forma igualitária.

Conforme demonstrado, existe uma relação dialógica entre os discursos dos alunos no que compete à confusão temática entre os termos gênero e sexualidade, o que demonstra que o gênero ainda é visto como sinônimo da sexualidade, conforme sua significação nos dicionários. Tal relação dialógica é prova de que os discursos podem ser refletidos e refratados de diversas formas, a depender do contexto. Se por um lado, os discursos de Bruno e Ana refletem a ideia de que gênero e sexualidade estão necessariamente interligados, por outro há alunos que refratam essa ideia, a exemplo de Mauro:

*Mauro: Não... porque, bom, acredito que há anos atrás eu não teria essa resposta tão direta, mas devido às pessoas que eu convivo, devido à minha mentalidade de hoje em dia e o que eu acredito que é amar alguém, que tipo uma frase incrível que é ‘você ama a pessoa, você não ama o gênero’, eu acredito que não. Porque... porque quando você se apaixona por alguém não importa o que essa pessoa faça na sua forma exterior. Você se apaixona pelo que ela é por dentro e pra mim isso é o essencial, tipo... se você não mudou por dentro...o por fora... mas por fora não vai influenciar em nada pra mim. (MAURO, 2019).*

Neste trecho, de um aluno homossexual que cursa letras/inglês, podemos perceber que como ele refrata o discurso sobre gênero de seus colegas, ao afirmar que continuaria se relacionando com a pessoa, afinal, a mudança de gênero não mudaria o sentimento existente entre os dois. Mauro deixa claro que, na sua visão, a mudança de gênero passa necessariamente por uma mudança no aspecto físico (que por consequência parte da necessidade da pessoa que muda o gênero em afirmar uma nova identidade), mas que tal mudança não afeta necessariamente o sentimento da pessoa. É preciso destacar que, no discurso de Mauro, em nenhum momento, há menção à mudança de sexualidade. Assim, Mauro parece refletir e refratar a concepção de gênero que circula no âmbito científico.

Já o aluno Kaio, estudante do curso de letras/espanhol o qual se identificou como bissexual no questionário, manifestou-se da seguinte forma sobre a questão:

*Kaio: ...é uma pergunta difícil, muito difícil... eu, eu acho, assim sendo bem sincero, eu não sei se abandonaria... abandonaria, eu acho que é uma palavra muito forte, mas eu acho que, por questão de atração, eu não sei se daria certo... num sei se eu conseguiria lidar... eu acho que assim, a gente lidar com as nossas questões é difícil, lidar com as questões do outro é ainda mais complexo, né... mas, assim, por questões de afinidade, de atração, eu acho que eu não conseguiria, assim. (KAIO, 2019).*

Kaio afirma que, por uma questão de atração física, provavelmente, não continuaria a relação, discurso muito parecido com o da aluna Maria, que se identificou como heterossexual e cursa também letras/espanhol, conforme o excerto a seguir:

*Maria: Nessa questão eu vou ter que ser um pouco tradicional contigo e dizer que... eu seria sincera com ele ou com ela... e diria mais ou menos assim, 'olha, você tá livre pra você fazer o que você quiser da sua vida, é... e você pode fazer o que você quiser da sua vida, mas se eu me casar com um homem, eu vou querer um cara, vou querer um homem... eu quero um homem, e se eu for ficar com uma menina, eu quero uma menina... (MARIA, 2019).*

Em consonância com os discursos de Bruno e Ana, a aluna Maria também compreende o gênero como sinônimo de sexualidade. Para isso, Maria enfatiza a construção da imagem masculina representativa da heteronormatividade, a partir da repetição “*vou querer um cara, vou querer um homem... eu quero um homem*”, em oposição à pouca importância que dá à descrição do tipo de menina com quem ela afirma que ficaria. A afirmação da identidade de gênero masculina em homens heterossexuais permite entrever que Maria estabelece uma relação dialógica com o discurso da supremacia masculina do homem-macho, do cara, do viril, do homem que é homem, em oposição a todos os outros homens que, ainda que sejam heterossexuais, não correspondem ao que é ilustrativo do polo hegemônico de representação da masculinidade. Nas palavras de Louro (2014, p. 52) sobre a necessidade de polarização dos gêneros: “homens que se afastam da forma de masculinidade hegemônica são considerados *diferentes*, são representados como *o outro é*”.

Além disso, Maria constrói o seu discurso com ênfase no padrão de masculinidade em oposição ao discurso sobre a mulher (com quem ela afirma que ficaria), sobre quem ela silencia. A opacidade de seu discurso, portanto, permite observar uma mulher que não precisa ser descrita, porquanto sua identidade não precisa ser posta em questão. Tendo em vista que o padrão feminino já é dado de antemão e, sendo naturalmente subordinado ao masculino, não é necessário questioná-lo. A mulher, no discurso de Maria, é o *outro* gênero.



Em suma, a partir da compreensão de que, no âmbito privado da maior parte dos alunos entrevistados, os conceitos de gênero e sexualidade estão intrinsecamente relacionados, é possível antecipar que semelhante compreensão do tema pode vir a aparecer também na esfera pública, nas escolas onde esses futuros professores atuarão, visto que “esses produtos ideológicos formados preservam constantemente a mais viva ligação orgânica com a ideologia do cotidiano” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 213).

Refletindo sobre a compreensão que cada aluno demonstrou acerca da relação gênero/sexualidade, foi possível notar que a sexualidade dos alunos não interfere necessariamente no seu conhecimento acerca dos conceitos de gênero e sexualidade. Podemos citar os alunos Bruno, Ana, Maria e Kaio para ilustrar esse aspecto: os três primeiros se identificaram como heterossexuais, enquanto o último se identificou como bissexual, sendo que todos refletiram a confusão entre os termos gênero e sexualidade, mas refrataram, cada um à sua maneira, a complexidade que o tema gênero carrega. Apenas Mauro, que se identificou como homossexual, apresentou uma concepção divergente dos demais sobre o tema.

Tais visões demonstram que, independente da identidade de gênero e da sexualidade do aluno em formação, os alunos apresentam compreensões diversas sobre a temática. Acreditamos que isso aumenta a possibilidade desse futuro professor não saber lidar com situações que possam envolver gênero e sexualidade no ambiente escolar.

Assim, pensando sobre a visão que a maior parte dos alunos apresentou sobre o conceito de gênero e sua relação com a sexualidade, fizemos um levantamento acerca de como esses conhecimentos são abordados na escola e na universidade e de que forma eles poderiam ser otimizados. Uma das questões feitas sobre esse aspecto foi a seguinte: “Na sua opinião, tratar do tema ‘diversidade de gênero’ na escola, é delicado? Por quê?” e como resposta de grande parte dos entrevistados, obtivemos um “sim”, justificado pelo ambiente conservador que ainda cerca a escola, em especial o meio político e também pela falta de familiaridade que os alunos podem ter com a temática<sup>8</sup>.

Tal ausência de discussões ocorre também no ambiente acadêmico, onde o espaço para debates sobre a temática parece estar restrito a algumas palestras ou minicursos, ou mesmo nas aulas das disciplinas, no entanto de maneira muito pontual. Essa ausência é acentuada nos

---

<sup>8</sup> A discussão sobre a abordagem de gênero na escola é bastante complexa e pertinente, porém ultrapassa os objetivos deste artigo. Por isso, optamos apenas por mencionar a resposta dada nos questionários, como forma de apresentar, de maneira rápida, a visão que os alunos da graduação em letras da UEPB possuem sobre a temática, a fim de contextualizar a importância de abrir mais espaço para as discussões sobre gênero na universidade.

cursos de língua espanhola e língua inglesa da UEPB, conforme destaca claramente o aluno

Roberto:

Pesquisadora – Em relação a...é, por exemplo, o fato de você estudar isso (gênero e sexualidade) ...isso já tem alguma cadeira ou foi uma iniciativa sua mesmo, que você quer pesquisar?

*Roberto: Não, se você for olhar a grade curricular do curso de espanhol, inclusive é algo que eu analiso no meu projeto, não a grade curricular, mas que a grade curricular entra na discussão justamente porque, por exemplo, eu sei que em português tem duas cadeiras que discutem sobre gênero... que tem diversidade e literatura e gênero. Então tem duas cadeiras que discutem sobre gênero. Se você analisar o currículo de letras/espanhol e de letras/inglês você vai ver que não tem nenhuma cadeira que discuta sobre a temática. (ROBERTO, 2019).*

Dessa forma, percebe-se que as discussões sobre gênero, nos cursos de letras (línguas estrangeiras) do *campus I* da UEPB, ainda não conquistaram um espaço significativo e, quando há espaço para tais discussões, como em minicursos, palestras ou seminários, isso não ocorre de maneira contínua. Por essa razão, é urgente que a universidade se posicione ativamente em relação ao espaço que precisa ser dado à discussão sobre diversidade de gênero, como forma de garantir uma formação de professores mais inclusiva e igualitária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tivemos o objetivo de apresentar e discutir sobre as perspectivas que os alunos de Letras da UEPB (*campus I*) possuem sobre o conceito de gênero e de que maneira essa compreensão pode influenciar na sua formação enquanto futuros professores do ensino básico. Para isso, após a exposição da metodologia que norteou a pesquisa, fundamentamo-nos teoricamente a partir das contribuições da Teoria/Análise Dialógica do Discurso e dos estudos de gênero. Em seguida, passamos à análise dialógica do discurso de excertos das entrevistas realizadas com alguns estudantes de letras/inglês e letras/espanhol do *campus I* da UEPB, a fim de compreender os sentidos que circulam sobre gênero a partir das categorias de significação, tema, dialogismo, compreensão ativa e responsiva e ideologia do cotidiano.

Através de análise dialógica desses discursos, percebemos que o gênero ainda é um conceito nebuloso para grande parte desses alunos, sendo por vezes confundido com o conceito de sexualidade. No âmbito da ideologia do cotidiano, que aflora nos discursos dos alunos a partir da reflexão sobre uma questão de suas vidas privadas, os alunos entrevistados deixaram entrever que ainda refletem o conceito de gênero com base em sua significação dicionarizada. Não obstante, cada aluno refrata, à sua maneira, a compreensão do tema.

O distanciamento entre a reflexão sobre a temática na vida cotidiana e as teorias sobre gênero que circulam no âmbito acadêmico (lugar da grande ideologia, dos sistemas ideológicos constituídos) aponta para a necessidade de ampliação da discussão sobre gênero na própria universidade, inclusive nos cursos do Departamento de Letras e Artes da UEPB. Essa necessidade é respaldada pelos próprios alunos que, ao serem questionados sobre a importância de tais estudos em sua formação, aparentam estar dispostos a discutir a respeito e reconhecem a sua importância para o futuro cotidiano nas salas de aula do ensino básico.

Ainda que o curso de letras/português do *campus* I da UEPB apresente, em sua grade curricular, duas disciplinas que envolvem a discussão sobre gênero, conforme o aluno Roberto mencionou, consideramos que ainda não há espaço suficiente para essa discussão no referido curso, sendo urgente a incorporação de disciplinas nos cursos de letras/inglês e letras/espanhol. Desta maneira, os estudos sobre gênero parecem atender às buscas individuais de estudantes e pesquisadores, mas ainda carecem de institucionalização nos cursos de letras.

Defendemos que, da forma descontínua ou silenciada como o gênero é tratado, não haverá avanço no que concerne a uma formação de professores mais inclusiva e aberta à diversidade. Dessa maneira, com respeito à temática, é preciso extrapolar a discussão do âmbito privado e dos interesses individuais (ideologia do cotidiano) para atingir o ambiente público, uma vez que os sistemas ideológicos constituídos são interpenetrados pela ideologia do cotidiano. Acreditamos que, assim, a partir de uma universidade aberta à discussão sobre gênero, os futuros professores estarão melhor preparados para lidar com a diversidade nas escolas, assumindo uma postura mais inclusiva.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii**. São Paulo: Parábola, 2014.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: A experiência vivida**. Tradução Sérgio Milliet. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BRAIT, Beth. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: \_\_\_\_\_. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. Teoria/Análise Dialógica do Discurso. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. 3 Ed. São Paulo: nVersos, 2015.

CORRÊA, M. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. Dossiê: feminismo em questão, questões do feminismo. *Cadernos Pagu*, nº 16, 2001, p. 13-30.

DICIONÁRIO AURÉLIO ONLINE. **Significado de Gênero**. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/genero>. Acesso em: 14 de Jul. de 2019.

DICIO: DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Significado de Gênero**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/genero/>. Acesso em: 14 de julho de 2019.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PORTO, L. M. F. **Manuais do cuidador**: uma abordagem Ergolinguística do envelhecimento humano. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Letras e Artes. Recife: UFPE, 2015.

PORTO, L. M. F.; SILVA NETO, J. M. Compreender Gênero no curso de Licenciatura em Letras: uma questão necessária à formação de professores. In: ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEPB: Sociedade, Educação, Ciência e Tecnologia. **Anais**, Campina Grande, v. 25, p. 520, 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. Ed. – São Paulo: Cortez, 2007.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.